

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 35 No. 1 Janeiro – Abril 2022
Edição Especial: Arqueologia em Quarentena

ARTIGO

A MATERIALIZAÇÃO DO MEDO: AFETOS E PRÁTICAS MATERIAL- DISCURSIVAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

José Roberto Pellini*, Caroline Murta Lemos**

RESUMO

A Virada Ontológica tem proposto que sujeitos e objetos não são categorias fixas, mas elementos que surgem dentro de uma relação. Neste sentido, o mundo seria formado por potencialidades indeterminadas que se atualizam de uma forma ou de outra a partir de fenômenos relacionais. O elemento central neste processo de atualização das realidades do mundo é o afeto. Diferente das emoções, afeto é uma intensidade visceral que passa entre os corpos de uma relação organizando as informações, resultando na atualização das realidades. É o caso, por exemplo, do álcool, das máscaras e das materialidades digitais, que, neste período de pandemia, deixaram de ser objetos para se tornarem sujeitos que determinam e delimitam nossas ações, comportamentos e possibilidades.

Palavras-chave: afeto; novo materialismo; pandemia.

* Departamento de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Minas Gerais,
E-mail: jrpellini@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3012-5288>.

** E-mail: carolmurta@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6096-2530>.

THE MATERIALIZATION OF FEAR: AFFECTS AND MATERIAL-DISCURSIVE PRACTICES IN TIMES OF PANDEMIC

ABSTRACT

The Ontological Turn has proposed that subjects and objects are not fixed categories, but elements that arise within a relationship. In this sense, the world would be formed by indeterminate potentialities that are actualized in one way or another from relational phenomena. The central element in this process of actualizing the realities of the world is the affect. Unlike emotions, affect is a visceral intensity that passes between the bodies of a relationship, organizing information, resulting in the actualization of realities. This is the case, for example, of alcohol, masks, and digital materiality, which in this period of pandemic ceased to be objects to become subjects that determine and delimit our actions, behaviors and possibilities.

Keywords: affect; new materialism; pandemic.

LA MATERIALIZACIÓN DEL MIEDO: AFECTOS Y PRÁCTICAS MATERIAL-DISCURSIVAS EN TIEMPOS DE PANDEMIA

RESUMEN

El giro ontológico ha propuesto que sujetos y objetos no son categorías fijas, sino elementos que surgen dentro de una relación. En este sentido, el mundo estaría formado por potencialidades indeterminadas que se actualizan de una forma u otra a partir de fenómenos relacionales. El elemento central en este proceso de actualización de las realidades del mundo es el afecto. A diferencia de las emociones, el afecto es una intensidad visceral que pasa entre los cuerpos de una relación, organizando información, resultando en la actualización de realidades. Es el caso, por ejemplo, del alcohol, las máscaras y la materialidad digital, que en este período de pandemia dejaron de ser objetos para convertirse en sujetos que determinan y delimitan nuestras acciones, comportamientos y posibilidades.

Palabras clave: afecto; nuevo materialismo; pandemia.

O ELEVADOR

Um dia destes durante a pandemia, Carol, como sempre, bate na porta do escritório às 16 horas, me chamando para ir passear com o nosso cachorro, o Luke Skywalker.

Carol: Zé, vamos? Está na hora de sair com Luke.

Zé: Tem certeza?

Carol: Sim, já são 4 da tarde.

Hesitando levantar da cadeira, eu tento dissuadi-la da ideia do passeio.

Zé: Vamos pular hoje. Saímos amanhã.

Carol: Não, ele já não saiu ontem, porque você falou a mesma coisa.

Já aceitando o meu fracasso em convencê-la a não sair de casa, me levanto da cadeira e me dirijo para o armário no corredor, onde guardamos nossas máscaras limpas.

Zé: Eu sei, eu sei. É que você sabe que fico tenso com essa coisa de elevador, de sair de casa. Cruzar a porta do apartamento tem sido um grande desafio. Para mim, esta é a hora mais tensa do dia. Logo depois do almoço, já começo a pensar na saída do Luke. O coração acelera e começo a ficar ansioso. Quando estou na frente do elevador então, tenho vontade de sair correndo. Quando estou dentro, é pior. Fico olhando os andares passando, fico atento à velocidade do elevador para saber se ele vai parar antes do térreo. Só de pensar em alguém entrando e dividindo aquele espaço diminuto com a gente entro em pânico. Só relaxo quando o elevador chega ao térreo. Nesse momento, parece que um peso sai das costas. Para falar a verdade, entre as 13h e a chegada ao térreo, às 16h, meu dia é um caos. Não consigo me concentrar e só penso nisso.

Carol: Eu sei. Mesmo com a máscara, é impossível não perceber sua cara de louco no elevador. Mas já te falei, podemos, de vez em quando, ir de escada.

Zé: Sim, quando tenho que descer sozinho, sempre vou de escada. Você sabe disso, é a única maneira de eu descer mais tranquilo. Mas, mesmo assim, parece que o tal vírus está lá, espreitando, esperando um pequeno erro para te pegar. Tenho certeza de que ele fica só de soslaio, analisando quem vai pegar.

Carol: Você tem que relaxar mais.

Já com as máscaras nos rostos, caminhamos até a porta da sala, onde o Luke está ansioso esperando pelo passeio.

Zé: Aliás, você sabia que são 18 degraus por andar? O que dá 234 para descer e 234 para subir, um total de 568 degraus.

Carol: É, lá no outro apartamento eram só cinco andares, aqui são 13. Para descer eu vou, mas subir não. E, no mais, a escada está sempre escura, as luzes de emergência nunca estão funcionando.

Zé: É por isso que sempre levo a lanterna.

Abrimos a porta e começamos a calçar os sapatos que usamos para sair de casa e que ficam no tapete de boas-vindas do nosso apartamento.

Carol: Mas eu também fico tensa com o elevador. Só não fico apavorada como você.

Zé: Sabe o que mais me impressiona? Que tem muitas pessoas que não parecem se preocupar em utilizar o elevador, tanto que nem usam máscaras para isso. Aliás, espero que hoje o elevador não pare em nenhum andar e que a gente não tenha que impedir alguma pessoa sem noção de entrar sem máscara, como já aconteceu tantas vezes. Eu também tenho medo de nos depararmos com alguém violento/a/e. Você já viu a quantidade de notícias sobre casos de pessoas que, além de se recusarem a usar máscaras, ameaçam e até mesmo agredem quem estiver na frente?

Carol: Se isso acontecer, a gente simplesmente sai do elevador, deixa a pessoa entrar e vamos de escada. Não acredito que fazendo isso teríamos maiores problemas, mas o mais triste é que nunca se sabe.

Aperto o botão do elevador enquanto Carol tranca a porta do apartamento e segura a guia do Luke. Esperamos por alguns minutos até que o elevador chega e as portas se abrem. O Luke, como de costume, sai correndo para dentro do elevador puxando a guia (sim, não o adestramos muito bem). Carol, ao entrar no elevador, pede para o Luke se sentar (o que, dependendo de seu próprio desejo, ele obedece ou não), enquanto eu aperto o botão do primeiro andar. Felizmente, hoje, o elevador não parou em nenhum andar. Quando chegamos ao térreo, meu coração desacelera e finalmente consigo relaxar a ponto de perceber como o dia está lindo, ensolarado sem estar quente, com uma brisa calma soprando.

As ruas estavam vazias devido ao fechamento dos comércios de Belo Horizonte, uma tentativa de controle da pandemia utilizada pela prefeitura. O passeio é tranquilo, agradável e em nenhum momento tivemos que atravessar a rua porque na nossa direção vinham pessoas sem máscaras ou usando as máscaras em seus queixos e mãos. Aliás, é incrível que, com tanta informação, as pessoas ainda usem as máscaras no queixo. Isso não é proteção para queixo!!

Voltamos ao prédio e, já esperando o elevador, ficamos felizes por sabermos que iríamos subir sem companhia. Entramos e apertamos o botão para subir. Quando a porta já estava fechando, uma pessoa aparece correndo e impede que a porta se feche. Ela entra, nos cumprimenta com um amigável “Boa tarde!”. Nós replicamos e nos movimentamos para lhe dar espaço, enquanto Carol segurava com mais firmeza a guia do Luke que, carente do jeito que é, sempre busca ter contato com pessoas diferentes. Nós nos olhamos e já sabíamos que não estávamos confortáveis com a situação. No entanto, mesmo existindo uma instrução do condomínio para o não compartilhamento dos elevadores com pessoas de outros apartamentos, se a pessoa em questão está usando máscara, ficamos sem graça de pedir para não entrar no elevador. Afinal, mesmo em pandemia, é um ato antissocial e, no mínimo, mal-educado. A moradora aperta o botão do 10º andar e meu primeiro pensamento é: “Ela não podia morar no segundo andar?”. Fico observando-a e vejo que ela logo enfia sua mão dentro de sua bolsa e tira seu celular. Já perto do 10º andar, ela guarda seu celular dentro da bolsa, pega suas chaves, se vira para o espelho e ajeita seus cabelos. O Elevador para em seu andar e abre a porta. Ela diz novamente “Boa tarde!”, sai do elevador e se dirige para seu apartamento. Quando a porta se fecha e o elevador volta a subir, Carol exclama: Você viu o que ela fez?!?!?!

Zé: Eu vi. Ela apertou o botão do elevador e, sem passar álcool, tocou em sua bolsa, seu celular, seus cabelos e suas chaves.

Carol: Será que a gente é muito paranoico? Será que nós não somos exagerados? Porque eu nunca teria coragem de fazer isso! Você sabe, quando a gente sai de casa, meu cabelo pode estar uma bagunça que eu não toco nele sem passar álcool nas mãos antes e depois. Vejo algumas pessoas agindo como se não houvesse um problema gigante no mundo, como se as pessoas não estivessem morrendo aos milhares todos os dias. Não sei se somos eu e você que temos medo demais ou as pessoas têm medo de menos.

Zé: Bom, só o fato de você ser do grupo de risco, aliás mega risco, já justifica nossa paranoia. Basta pensar no que a tal gripe suína fez com você, ficou internada por dias em Goiânia. Sem contar que eu sou fumante há três décadas, imagina como meus pulmões já foram danificados pelo cigarro.

Finalmente o elevador chega ao 13º andar e nos dirigimos para o nosso apartamento. Carol segura firmemente a guia para evitar que o Luke a puxe, enquanto eu destranco a porta.

Carol: Sim, eu sei, mas acho que às vezes passamos do ponto. Temos medo de sair de casa, medo do elevador, medo de tocar nas coisas, medo de respirar, medo de tudo que está fora da suposta segurança de nosso apartamento. A porta do apartamento parece um

elemento mítico que nos protege da catástrofe que toma conta do país. Parece que aí dentro vivemos em um mundo paralelo, protegidos, seguros. Basta ficar uns dias sem olhar o noticiário, as páginas de Internet e os números de morte que não param de crescer que até é possível esquecer que vivemos uma pandemia.

Zé: Eu também faço isso. Toda vez que sinto a ansiedade aumentar fico uns dias sem ver notícias. Chamo isso de alienação consciente. Ajuda a relaxar e aumenta a sensação de normalidade. Mas basta ver o litro de álcool que eu me lembro da situação. Às vezes sinto que vivo vinte e quatro horas com medo, ansioso, o corpo não relaxa. É verdade, aqui dentro do apartamento me sinto seguro, protegido. O mais engraçado nisso tudo é que o álcool, algo que eu nunca dei muita importância, se tornou um elemento que me traz segurança. Saber que temos álcool em casa me deixa mais seguro.

Enquanto conversamos, Carol tira seus sapatos e entra com o Luke. Ela para perto da porta de entrada, passa álcool nas mãos, retira a guia do cachorro e a coloca em cima de uma mesa para que eu a limpe. Então ela pega os lençinhos úmidos e começa o ritual de limpeza do corpo, das patas e do focinho do Luke. Enquanto isso, eu retiro meus sapatos, entro, fecho a porta e limpo a maçaneta e a chave com álcool.

Carol: Bom, mas vamos concordar que você exagera um pouco. Aliás, um pouco não, muito. Não precisa deixar as coisas ensopadas de álcool. Ao mesmo tempo, não precisa comprar toneladas de álcool em todas as compras. Estamos com uns nove litros de álcool na dispensa.

Zé: Tem que afogar o vírus, garantir que tenha álcool em toda a superfície – não à toa estou ensopando a guia do Luke. E, no mais, a cada compra, usamos no mínimo um litro para desinfetar tudo, mais as coisas do Luke quando ele sai, as mãos a toda hora, as coisas que vêm pelo correio. Enfim, álcool é vida. Meu único problema com álcool é o álcool 46°, pois juro que, por mais que já tenha lido, ainda não entendo e não sei se ele funciona para eliminar o vírus. Todo este ritual de chegar da rua, trocar de roupa, tomar banho e passar álcool em tudo é cansativo, mas dá uma sensação de segurança.

Carol: O mais chato é quando você acha que não passou álcool em alguma coisa, ou acha que tocou a roupa contaminada em algum lugar. Quantas vezes a gente saiu passando álcool nas paredes, na geladeira, na máquina de lavar, porque achamos que tocamos ou esbarramos sem querer nessas coisas.

Zé: Não é à toa que minha mão vive descamando de tanto álcool.

Carol: Mas é por isso que te digo. Não sei se somos paranoicos demais.

Zé: Talvez até sejamos paranoicos, mas isso nos tem feito passar sem muito risco por este período. No mais, estamos fazendo nossa parte. Não nos expomos e ao mesmo tempo não nos tornamos agentes disseminadores do vírus.

Carol libera o Luke, que sai correndo pela casa à procura de um brinquedo. Ela coloca as máscaras perto da janela, em posições específicas, na ordem certa para que sete dias depois possam ser novamente utilizadas. Eu guardo a guia já limpa e começo a limpar o chão onde o Luke pisou, antes da limpeza de suas patinhas, com água e desinfetante.

Carol: Mas é realmente engraçado como ressignificamos as coisas de acordo com o momento. A gente deveria escrever algo sobre isso. Te dou um exemplo. O computador, que para muitas pessoas sempre foi fonte de diversão, na pandemia se tornou uma ferramenta principalmente de trabalho.

Zé: Eu sei. Hoje só de ver o computador já fico cansado e deprimido. É aula síncrona, aula assíncrona e todas essas coisas. Mas o que mais me cansa são as reuniões intermináveis. Fico com dor de cabeça quando passo muito tempo nessas reuniões. É só ver na agenda que tem reunião, *live* ou algo do tipo que já fico desanimado. E o computador, de certa maneira, se tornou o símbolo desse cansaço, desse desânimo com o mundo, assim como o álcool se tornou o sinônimo de segurança.

Carol: O computador não me incomoda muito não. O que me incomoda é entrar no Instagram e ver as pessoas viajando, apreciando suas férias, passeios em restaurantes, bares, indo à academia, como se nada estivesse acontecendo.

Nós dois começamos a andar até a área de serviço para deixar as roupas “contaminadas” na máquina de lavar.

Zé: Isso também me incomoda, por isso parei de ver. Isso às vezes me faz pensar que estamos levando realmente o isolamento ao limite. Mas acho que estamos certos. Queria viajar? Queria. Queria ter feito a etapa de campo no Egito? Evidente que queria. Queria ir para o sítio da sua mãe no fim de semana? Claro, mas o medo me impede. Se formos fazer algo assim, não vou ficar relaxado, não vou aproveitar. As poucas vezes que sua irmã veio aqui nestes quase dois anos, eu demorei para relaxar. E olha que ela também se cuida. Mas não adianta. Aliás, ela deve ficar meio chateada quando chega aqui e tem que se submeter ao nosso protocolo. Entra aqui, tem que ir direto tomar banho e trocar de roupa enquanto eu desinfeto tudo que ela traz. É meio violento. É como se você dissesse a ela que ela está infectada.

Carol: Não se preocupe, ela não liga. Ela sabe dos riscos e sabe que é importante esse protocolo.

Coincidentemente, neste momento havíamos acabado de seguir por todo nosso ritual de volta do passeio e já estávamos indo ao banheiro tomar banho, para posteriormente prepararmos o café da tarde, algo bem mineiro, café, bolo e queijo. O café da tarde se tornou um momento especial no nosso cotidiano pandêmico. É uma forma de prolongar a pausa que fazemos para passear com o Luke, para que possamos descansar um pouquinho mais antes de voltar para nossos respectivos escritórios e computadores, para o trabalho que só termina quando vamos jantar às 21 horas e, depois, dormir. Até isso a pandemia mudou: as horas do trabalho se esticaram e ficou mais difícil discernir os dias do fim de semana. Nossas ações, movimentações, coisas, ritmo de vida e relações se modificaram... Mas isso não é apenas um processo de resignificação, é um processo de atualização do mundo material que cria realidades novas e diferentes que, nesse caso, tiveram o medo como principal impulsionador.

REMATIALIZAÇÕES

Essa situação que passamos com o elevador, rematerializando um maquinário que passava despercebido no dia a dia e que se transformou em um espaço que é fonte de angústias e medos, não é exatamente uma exceção neste período de pandemia. Temos visto em vários lugares como as materialidades do mundo têm se transformado, assumindo novas realidades criadas a partir, principalmente, do medo da contaminação por um vírus que, por ser invisível, possui uma “onipresença aterrorizante”:

(...) a pandemia atual tem demonstrado a dificuldade de combater uma ameaça intangível à nossa sensibilidade, isto é, nossos sentidos não conseguem propiciar diretamente a experiência material do vírus - não enxergamos, tocamos, cheiramos ou ouvimos sua manifestação. Mesmo diante dessa intangibilidade mencionada, a existência do vírus continua a se manifestar nas pessoas sintomáticas e nas milhares de vidas ceifadas pela doença. Revela-se então o paradoxo no qual nos encontramos, uma guerra contra algo intangível materialmente a nós humanos, mas que existe. Diante disso, Žižek (2020, p. 1099) afirma que a ameaça da pandemia “passou a ser experimentada como uma fantasia espectral invisível [...]”, reforçando que a materialidade intangível do vírus se converte em uma onipresença aterrorizante. (DA SILVA; TRAMASOLI, 2020, p. 197).

Neste contexto, talvez os casos mais singulares sejam as rematerializações do álcool, das máscaras e das tecnologias digitais.

Aqui em casa, antes da pandemia, já tínhamos o hábito de usar álcool para higienizar as mãos. Um pequeno frasco guardado na bolsa sempre nos acompanhou. Mas ele era algo sem muita importância. Se estivesse ali, perfeito; se não estivesse, não iria nos impedir de fazer algo. Ele era um companheiro quase invisível. Era raro nos darmos conta de sua existência e, quando isso acontecia, ocorria de forma quase mecânica. Quando vieram os primeiros anúncios da pandemia e da necessidade de utilizar álcool para eliminar a possível presença do vírus, nós, assim como quase todo o planeta, fomos ao supermercado comprar álcool. Mas já não havia nem o líquido, nem o em gel. Fomos a mais um supermercado e nada. Passamos em duas farmácias e, de novo, não conseguimos. Foi só na terceira tentativa que finalmente conseguimos comprar o álcool em gel e, mesmo assim, com uma quantidade controlada, pois só era possível comprar dois frascos por pessoa.

A falta de álcool no mercado brasileiro foi fruto de uma série de fatores. Em primeiro lugar, houve uma grande procura pelo produto nos primeiros meses da pandemia. Em segundo lugar, porque a Agência Nacional de Vigilância Sanitária, ANVISA, havia em anos anteriores, por questões de segurança, limitado a comercialização de álcool líquido e de álcool com certas concentrações para o público em geral. Em terceiro lugar, a indústria sucroenergética não estava preparada para o aumento da produção de álcool, principalmente de álcool em gel. Como nos mostra uma matéria do site CanaOnline, de junho de 2020, poucas eram as indústrias no país que produziam álcool em gel antes do início da pandemia. Isso se dava não só porque não havia grande demanda interna pelos produtos, mas porque a produção desse tipo de insumo deve seguir os protocolos sanitários determinados e fiscalizados pela ANVISA. Ainda segundo a reportagem, o consumo de álcool 70% deve continuar em alta após a pandemia, e isso tem feito muitas empresas iniciarem um processo de adequação de suas instalações para obter a autorização da ANVISA para a produção e comercialização do produto. (CANAONLINE, 2020).

A constatação de que o álcool 70% elimina o vírus da COVID-19, aliada a um processo de desinformação geral, acabou gerando no Brasil alguns comportamentos exagerados e perigosos. Por exemplo, como nos mostra Juliana Xavier (2020), em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, bares passaram a criar drinques com álcool em gel 70%. Ao mesmo tempo, segundo a autora, entre o final de 2020 e início de 2021, as redes sociais foram inundadas com receitas e fórmulas de drinques e bebidas que tinham em sua formulação a presença de álcool 70%. Muitas dessas receitas partiam da falsa ideia de que ingerir álcool em gel poderia eliminar o vírus da COVID-19. No próprio site da Organização Pan-Americana de Saúde, OPAS, há um aviso alertando dos perigos de se ingerir álcool 70%, água sanitária, metanol e etanol. A OPAS (s/d) deixa claro que a ingestão desses produtos não só não elimina o vírus que porventura já esteja dentro do corpo, como pode resultar em danos graves aos órgãos internos.

Em março de 2020, o site do UOL, em sua coluna sobre automóveis, alertou que circulava nas redes sociais a informação de que álcool vendido em postos de combustível, para abastecimento de veículos, estava sendo utilizado para prevenção da COVID-19. Um *post* de *Facebook* apresentado na reportagem traz o conselho de um/a/e internauta: “Vcs querem álcool, o melhor compra no posto de gasolina ele é 3,20, e é 95% álcool, mesmo misturado com água ele é puro e eficaz, é só mistura[r] detergente, e é ótimo”. Como nos mostra a reportagem, dada a alta concentração de 93° GL, não só o etanol vendido em postos evapora rápido demais, impedindo, assim, a eliminação do vírus, como ele pode causar problemas de pele e intoxicação. Como o álcool vendido em postos

de combustível também é misturado a outros elementos químicos, como hidrocarbonetos, ele inclusive não deve ser utilizado para limpeza doméstica. (UOL, 2020). Isso, combinado aos alertas da OPAS (s/d), nos mostra como essas práticas estavam disseminadas na população.

Outra história que viralizou nas redes sociais tendo o álcool como sujeito foi o suposto incêndio de doze carros em uma garagem em Belém (MENDONÇA, 2020). Conta a história que o dono de um carro teria passado álcool na chave de ignição e, quando ligou o veículo, uma faísca deu início a um incêndio que destruiu outros 12 carros também localizados na garagem. A mensagem que viralizou trazia, segundo a matéria do Estado de Minas, o seguinte texto:

NOTA DE UTILIDADE PÚBLICA. Aviso importante para quem dirige: Não higienize a chave do carro com álcool gel ou líquido 70%. Muitos acidentes estão ocorrendo por isso. O incêndio que houve em uma garagem, em Belém, foi decorrente de uma chave de carro higienizada com álcool gel, que, ao ser colocada na ignição do veículo gerou uma faísca e incendiou o carro e vários outros estacionados próximo. Tomem cuidado. Chave de carro deve ser higienizada com água e sabão neutro! Coronel Ronaldo Menezes Sua mão amiga na comunidade. (MENDONÇA, 2020).

De acordo com o jornal, o incêndio realmente aconteceu, mas não foi iniciado por causa do uso do álcool em gel. O síndico do prédio onde fica a garagem afirmou que o incêndio teve início no motor e que o dono do carro não havia utilizado álcool em gel (MENDONÇA, 2020).

Histórias como estas, da ingestão de álcool 70%, da aplicação no corpo ou uso de etanol para a limpeza e de incêndios causados pela utilização de álcool em gel em carros, mostram, em primeiro lugar, o nível da desinformação que toma conta do país. Isso é, em grande parte, motivado pela ausência de uma política educacional nacional em prol do combate ao COVID-19. Como têm mostrado diariamente os depoimentos e os trabalhos da CPI da COVID-19, parece que a intenção do governo brasileiro era promover a chamada imunidade de rebanho. A falta de uma política educacional direcionada ao combate do vírus teria como resultado a maior contaminação da população. Neste sentido, não alertar e educar a população sobre os riscos da COVID-19 ou sobre a utilização correta do álcool não é uma coincidência, mas uma estratégia pensada. Em segundo lugar, tais notícias e práticas mostram como o álcool deixou de ser um objeto para se tornar um sujeito (LATOUR, 1994).

O mesmo pode ser dito das máscaras, neste período da pandemia. Quem poderia imaginar a dois anos atrás que seríamos obrigados a usar máscaras para sair às ruas, para ir ao supermercado, para nos encontrarmos com parentes, amigos e outras pessoas dentro de nossas próprias casas. Parece algo surreal, coisa de filme distópico. Mas, infelizmente, é uma realidade. A primeira vez que usamos máscara foi na terceira semana de março de 2020, quando foi noticiado o primeiro caso de COVID-19 em Belo Horizonte. Saímos e fomos para a farmácia mais próxima comprar máscaras. Quando terminamos a compra, as colocamos para ir ao supermercado. Na rua, as pessoas olhavam para nós com cara de espanto. Nas duas horas que estivemos fora de casa, nós só vimos mais duas pessoas usando máscaras, uma no supermercado e outra andando na rua. A impressão que tínhamos é que estávamos exagerando, sendo excessivamente cuidadosos. O tempo mostrou que não.

Mas comprar máscaras não foi e ainda não é uma tarefa fácil. Como aconteceu com o álcool, no início, havia carência de máscaras no mercado brasileiro e as que tinham

eram destinadas, com razão, para as pessoas na linha de frente do combate ao vírus. Com o tempo, passaram a surgir máscaras de pano. Aliás, nossas primeiras máscaras de pano foram feitas e a nós presenteadas pela Mariana Petry. Nossas máscaras cirúrgicas estavam acabando e, como saíamos com Luke diariamente, não sabíamos bem como fazer. Até que Mariana nos ligou e perguntou se queríamos, pois ela estava costurando várias para distribuir. Foi assim que tivemos nossos primeiros pares de máscara de pano. Isso era algo que nos confortava bastante, porque nos sentíamos seguros. Com a máscara no rosto, o medo de sair à rua diminuía bastante.

Com o passar do tempo, resolvemos comprar conjuntos de máscara na Internet. Foi possível ver uma enorme variedade de tecidos, formas, decoração. Lendo matérias de infectologistas, resolvemos adquirir um modelo com tripla proteção e com íons de prata. Em dezembro de 2020, resolvemos comprar mais um conjunto de máscaras, pois tanto as de pano quanto as com íons de prata já estavam desgastadas. Neste momento, adquirimos umas de Neoprene com camada tripla, mas, quando chegaram, vimos que não eram de boa qualidade e que não encaixavam no rosto uniformemente. Ficamos frustrados e novamente com medo de sair de casa. Foi aí que, conversando com Márcia Bezerra, fomos informados que uma máscara havia sido desenvolvida pela Universidade de Chicago. Corremos para a Internet para lermos mais a respeito. Pesquisamos alguns sites e preços e finalmente compramos a tal máscara. Ter uma máscara seguindo o modelo de uma Universidade renomada parecia aumentar a sensação de segurança, mesmo sabendo que não foi a Universidade de Chicago que a produziu. A máscara tinha cobertura tripla, íons de prata, mas tinha também tecidos inovadores, com tramas específicas que geravam estática que servia para impedir a passagem do vírus.

Mais recentemente, com a chamada terceira onda e os recordes crescentes de contaminação, resolvemos comprar as chamadas N95, da fabricante 3M. Por mais que as máscaras do modelo Chicago fossem boas, já não nos sentíamos tão seguros com elas. Em todas as compras de máscara, algumas questões eram recorrentes: será que elas são de boa qualidade? Será que o tal íon de prata funciona mesmo? Será que tem mesmo o íon de prata? No caso da 3M: Será que não é pirata? Comprar não era só entrar na Internet e digitar o cartão de crédito; mas era pesquisar, se informar, ver *posts* de pessoas a respeito das compras. É um certo estresse, pois estamos lidando com nossas saúdes, com nossas vidas. Por isso, antes de usar uma nova máscara, nós sempre fazíamos o teste da vela, o teste do fósforo e tudo quanto é teste para ver se o ar passava ou não com facilidade pela proteção. Colocar uma máscara nova, depois de meses usando um tipo específico, sempre gera certa ansiedade. O corpo, o rosto já estavam acostumados à antiga máscara e colocar algo novo requer uma certa adaptação física e psicológica, desde que se você usa uma dada máscara por muito tempo e não se contamina, isso gera a impressão de que a máscara é efetiva. Mas é apenas uma impressão, já que talvez o motivo da não contaminação resida no fato de que simplesmente não entramos em contato com o vírus. De qualquer forma, deixar uma máscara supostamente eficiente e passar a utilizar outra, de outro modelo, mesmo que certificado, gera uma sensação de vulnerabilidade. Essa sensação só tem fim quando, dia após dia, a experiência e as práticas mostram que ela é efetiva contra o vírus.

É interessante notar a proliferação no mercado de máscaras temáticas, com decorações personalizadas, que parecem mais se preocupar com os elementos discursivos do que com a proteção em si. Algo típico de uma sociedade de consumo que preza tanto pela individualização. Exemplos mais drásticos disso são as máscaras transparentes de plástico endurecido e as máscaras de crochê que em dado momento se tornaram bastante comuns, ambas sem qualquer utilidade no que se refere à proteção contra o vírus. Interessante notar que durante o processo eleitoral em 2020 no Brasil, muitos/as/es

políticos/as/ques optaram justamente pelas máscaras transparentes. Isso evidentemente tem a ver com a necessidade de reconhecimento de seus rostos. Assim muitos/as/es políticos/as/ques, em detrimento da saúde e dos perigos da contaminação, optaram por máscaras não seguras a fim de serem reconhecidos/as/es nas ruas.

Mas, além dos álcoolis e máscaras, outras materialidades também se tornaram fundamentais no nosso cotidiano pandêmico: nossos celulares, *notebooks* e modems de Internet. Afinal, as tecnologias digitais foram fundamentais para a adoção do isolamento social, a principal medida preventiva à contaminação pelo COVID-19. Pedidos de refeições por aplicativos de entrega substituíram, para uma parte significativa da população, as idas aos restaurantes e bares, e diminuíram as idas ao supermercado e à farmácia. Muitas pessoas também passaram a fazer exercícios em suas casas, guiadas por vídeos de profissionais disponíveis on-line ou por preparadores/as/ies físicos em videochamadas. As aulas, refeições de grau, defesas de TCC, mestrado e doutorado, assim como reuniões com amigos/as/ques, familiares e encontros românticos passaram a ser digitais. O teletrabalho, *home office* ou trabalho remoto se intensificou exponencialmente. Os shows foram substituídos pelas *lives* no *Instagram*, *Facebook* e *YouTube*. Os congressos e eventos científicos também se renderam ao mundo digital, o XXI Congresso da SAB, por exemplo, será totalmente digital, sem contar as inúmeras “*lives* arqueológicas” que ocorrem desde o início da pandemia.

As tecnologias digitais já desempenhavam um importante papel no nosso cotidiano, uma história que teve início na década de 70 com o desenvolvimento de computadores pessoais e que tomou um novo rumo com a popularização da Internet a partir dos anos 90 (LÉVY, 1999; SCHWAB, 2018). E, se, “[n]os anos 2000 os usuários de Internet eram apenas 400 milhões, - 6,5% da população mundial. Quinze anos depois, já éramos 3,2 bilhões de pessoas conectadas, conforme dados da União Internacional de Telecomunicações – UIT” (AMAYA, 2017, p. 46). Atualmente, segundo levantamento realizado pela UIT, 3 bilhões de pessoas ainda não tem acesso à Internet, o que significa, por outro lado, que 60% da população mundial possui (ONU News, 2020), um quadro muito diferente do início do século XXI.

No caso do Brasil, de acordo com a pesquisa TIC Domicílios 2019, desenvolvida entre outubro de 2019 e março de 2020 pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), 74% de brasileiros/as/es navegavam na Internet, sendo que, pela primeira vez, mais de 50% da população no meio rural e nas classes D e E estava conectada. Ainda segundo essa pesquisa, para o acesso à Internet, o celular era utilizado por 99% dos/as/es usuários/as/es e o computador, *notebook* e *tablet*, por 42%; em 2014, 76% das pessoas utilizavam o celular e 80% utilizavam o computador, o que demonstra um decaimento na utilização de computadores para navegação na rede. Além disso, essa pesquisa demonstrou que a principal atividade realizada pela Internet era o envio de mensagens por *WhatsApp*, *Facebook* e *Skype* (92%), seguida da utilização das redes sociais, como *Instagram*, *Facebook* e *Snapchat* (76%). (NIC.BR, 2020).

Esse quadro se modificou com a pandemia, segundo o Painel TIC COVID-19, desenvolvido com dados coletados pela Cetic.br entre junho e setembro de 2020. Para começar, ao mesmo tempo em que a troca de tráfego de Internet registrou um volume inédito no Brasil, devido às desigualdades socioeconômicas, as pessoas em áreas rurais, de menor renda e escolaridade utilizaram, em menor proporção, a Internet, aumentando as disparidades no usufruto da rede. Concomitantemente, o uso de computadores para acessar à Internet aumentou nessa pandemia (indo no caminho contrário da tendência de queda observada pela Cetic.br entre os anos de 2014 e 2019), sendo escolhido por 60% dos/as/es usuários/as/es, principalmente nas classes A, B e C (como resultado do

teletrabalho, das aulas on-line etc.); enquanto o uso do celular continuou sendo predominante nas classes D e E. A utilização de TVs para conexão também se intensificou, com aumento em 18%. (NIC.BR, 2021).

Em relação às atividades realizadas na Internet, mais usuários/as/es fizeram chamadas de voz ou vídeo (aumento de 76% a 82%) e mais pessoas buscaram por informações e serviços relacionados à saúde (aumento de 55% a 72%), realizaram algum serviço público (aumento de 36% para 54%) e fizeram consultas e transações financeiras (aumento de 42% para 71%). A realização de atividades educacionais e de trabalho on-line também cresceu, no entanto é importante considerar que o “(...) uso da Internet para atividades de trabalho seguiu concentrado (...) em especial entre os usuários de Internet com Ensino Superior e pertencentes às classes AB.” (NIC.BR, 2021, p. 55). Mais pessoas também assistiram a vídeos, programas, filmes, séries (aumento de 79% para 86%), ouviram música (aumento de 76% para 85%), leram jornais, revistas, notícias (aumento de 65% para 72%) e participaram de transmissões ao vivo na Internet, as famosas *lives* (64% – em 2016 apenas 38% dos/as/es usuários/as/es realizaram essa atividade). Para finalizar, houve um crescimento significativo da aquisição de produtos ou serviços pela Internet: comparado ao TIC Domicílios 2018, mais do dobro de usuários/as/es realizaram compras on-line de produtos alimentícios, refeições e medicamentos. (NIC.BR, 2021).

Esses dados refletem como as tecnologias digitais foram essenciais neste cenário pandêmico para a manutenção do distanciamento social, pelo menos para uma parte da população. Afinal, muitos/as/es brasileiros/as/es não tiveram e não têm condições de ficar e trabalhar em casa, além de possuírem um acesso mais limitado à Internet e aos seus recursos. Ainda de acordo com dados levantados na Painel TIC COVID-19:

Cerca de dois quintos dos usuários de Internet que trabalharam durante a pandemia realizaram teletrabalho, com perfil predominante daqueles com Ensino Superior, pertencentes às classes AB e com 60 anos ou mais (...). O teletrabalho esteve mais presente entre os funcionários públicos e entre trabalhadores da educação, da administração pública e de atividades profissionais, científicas e técnicas. (NIC.BR, 2021, p. 22).

E essas desigualdades socioeconômicas são dolorosamente visíveis no perfil das pessoas mais atingidas pela pandemia. O estudo EpiCovid-19, por exemplo, demonstrou que, no Brasil, as populações mais pobres, negras e indígenas correm bem mais risco de se contaminarem (HALLAL, 2021; RODRIGUES, 2021). Por isso:

Dizer que estamos todos no mesmo barco é afirmar uma inverdade, pois cada família brasileira vai fazer o isolamento possível e cuidar da higienização dentro de suas condições materiais concretas de vida e sobrevivência. Muitas casas não têm acesso à água encanada. Em torno de 48% das casas brasileiras não têm acesso a saneamento básico (...) (GUARANY, 2020, p. 33).

Sendo assim, falar de distanciamento social no contexto pandêmico brasileiro e do papel das tecnologias digitais em sua manutenção é falar de privilégios socioeconômicos em uma sociedade extremamente desigual. Estamos abordando então as experiências de uma parcela privilegiada da população brasileira cujos aparelhos de informação e comunicação a ajudaram (i) a entrar em contato por chamadas de voz e vídeo com amigos/as/gues, familiares, colegas de trabalho etc.; (ii) a realizar as tarefas de *home office* e estudar; (iii) a se distrair com filmes, series, vídeos e músicas; e (iv) a ter acesso a serviços, produtos e informações (incluindo aqueles ligados à área da saúde e à própria pandemia),

tudo sem sair de casa. Nesse contexto, estamos tratando de uma mudança profunda no cotidiano dessas pessoas que pode ter envolvido modificações nos cômodos de suas casas e na forma como eram utilizados/vivenciados, com a adaptação ou aquisição de novos móveis, aparelhos (como *notebook*) e serviços (como pacotes de Internet de maior velocidade). Estamos tratando de uma divisão do ambiente de trabalho e familiar muito mais tênue e de uma percepção diferenciada da passagem do tempo.

Aqui em casa, por exemplo, compramos móveis e equipamentos para montarmos um novo escritório em um dos quartos do apartamento, algo que até a pandemia não havia sido necessário, porque enquanto um utilizava o escritório já existente em casa para trabalhar, outro utilizava sua sala na UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). Trabalhando exclusivamente em casa e sem poder sair para atividades recreativas, percebemos que muitas vezes misturamos os dias da semana com os dias dos finais de semana, não há mais uma diferenciação tão nítida, além disso, aumentamos o horário de trabalho, recebendo e enviando e-mails e mensagens via *WhatsApp* até mesmo aos sábados e domingos à noite. Nesse aspecto, acompanhamos uma tendência nacional. Em um estudo sobre as condições de trabalho remoto no país durante a pandemia, realizado por Pesquisadores/as/ies da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e do Grupo de Estudos Trabalho e Sociedade (GETS), foi constatado: um aumento de 113,69% de pessoas em regime de *home office* que trabalham por mais de 8 horas diárias, um aumento de 115,78% de pessoas que trabalham durante 6 dias da semana e um aumento de 666,66% de pessoas que trabalham os sete dias da semana, sem nenhum dia de descanso (BRIDI *et al.*, 2020).

No nosso caso, essa situação de isolamento social e trabalho intenso nos deixou muito mais propensos a confundir datas, a esquecer compromissos e muito mais desanimados, com uma sensação de cansaço que, unida à ansiedade, ao medo e à solidão, é difícil de explicar. Este artigo aqui, por exemplo, exigiu um esforço muito maior do que normalmente exigiria para ser finalizado. Parece que estamos vivendo, como coloca Maia (2020), um eterno “dia da marmota” que não vai acabar tão cedo. Na verdade, a sensação, depois de mais de um ano e três meses de isolamento, de contato virtual com o mundo e de notícias ruins (vendo subir o número de mortos e o descaso de um governo genocida), é de que não estamos vivendo, estamos apenas existindo, enquanto o tempo passa e se perde, fazendo o possível pra não enlouquecermos. E sabemos que esses sentimentos não nos são exclusivos:

(...) muitos de nós estamos diante de uma situação que talvez não tenhamos vivenciado nem mesmo nos nossos piores pesadelos. A COVID-19 (...) vem, desde janeiro, levando-nos a dormir e acordar no “dia da marmota”, onde esperamos ouvir notícias que nos indiquem se a “primavera” chegará mais cedo, ou se ainda viveremos um longo “inverno”. (...) Não só estamos aprisionados no tempo – com um sentimento de que estamos vivendo um NÃO ANO –, como estamos confinados espacialmente. (MAIA, 2020, p. 112-113).

As consequências desse aprisionamento temporal, espacial e digital são diversas. Por exemplo, todos/as/es que conhecemos e que têm possibilidade de adotar as medidas preventivas indicadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) relatam tristeza, medo e saudade: medo do vírus, da dor e da morte; saudade dos encontros em almoços, jantares e passeios, saudade dos despreocupados abraços, apertos de mão, beijos e aconchegos, algo que as tecnologias digitais não podem oferecer. Essas emoções são “normais” em tal contexto e são mencionadas em uma cartilha criada pelo Centro de Estudos e Pesquisas em Emergências e Desastres em Saúde (CEPEDES) da Fundação Oswaldo Cruz

(FIOCRUZ). De acordo com essa cartilha, o contexto da pandemia pode causar essas e outras reações nas pessoas, como irritabilidade, angústia e sensação de desamparo; além de causar alterações ou distúrbios de apetite, de sono e comportamentais, que podem ser intensificadas pelo isolamento (CEPEDES, 2020). Ou seja, esse distanciamento do mundo lá fora, garantido pelas tecnologias digitais, apesar de oferecer segurança em relação ao contágio pelo coronavírus, traz também consequências negativas.

Nós vimos até aqui que o álcool, as máscaras e as tecnologias digitais são elementos que se atualizaram como novas materialidades a partir de afetos e emoções específicos que surgiram nesse tempo de pandemia, principalmente pelo medo. Com isso, essas materialidades se tornaram centrais no “novo normal”, sujeitos que determinam e delimitam as nossas ações e comportamentos. Por exemplo, a falta de álcool e de máscaras pode limitar em muito a nossa circulação, enquanto, por outro lado, a ausência do celular/computador e da Internet pode nos obrigar a sair de nossas casas, nos expondo.

É interessante imaginar como esses elementos materiais podem impactar tanto nossas vidas, nossas mobilidades e nossos processos de socialização. Essa situação nos faz pensar nos conceitos de agência. Em geral, na Arqueologia os objetos são pensados como tendo agência secundária, ou seja, os objetos agem em resposta a uma ação anterior. Mas o que pensar no caso do álcool e das máscaras, pelo menos para aqueles que os têm como itens fundamentais de segurança durante a pandemia? O que pensar do celular, com o qual podemos fazer compras de supermercado e entrar em contato com as pessoas sem sair de casa? Tanto o álcool, quanto as máscaras e as tecnologias digitais determinam o que podemos ou não fazer, delimitam nossa movimentação, dirigem nossos encontros e possibilidades. Neste sentido, eles têm agência primária e podem ser considerados como sujeitos.

Barad (2007) tem sugerido que sujeitos e objetos não são categorias pré-definidas, mas são frutos de uma relação. Sendo assim, o humano e o não-humano, o sujeito e o objeto, a matéria e o discurso não são entidades independentes separadas por limites claros, mas fenômenos relacionais, cujas *intra-ações* contínuas produzem uma série infinita de configurações e reconfigurações locais e contingentes da realidade (MCNAY, 2016). Para a autora, coisas não podem interagir, porque interação pressupõe no mínimo duas entidades pré-existentes, por isso ela propõe o uso do termo *intra-ação*:

“Intra-action” signifies the mutual constitution of entangled agencies. That is, in contrast to the usual “interaction,” which assumes that there are separate individual agencies that precede their interaction, the notion of intra-action recognizes that distinct agencies do not precede their interaction, but rather emerge through their intra-action. (BARAD, 2007, p. 33).

Os objetos não carregam consigo propriedades que preexistem ao fenômeno no qual eles se manifestam, desde que as propriedades dos objetos sejam propriedades dos fenômenos nos quais sujeito e objeto são parte constituintes. Se objetos cessam sua ação de relação, eles deixam de existir (DUDLEY, 2012; GELL, 1998; GOSDEN, 2005). Barad (2007) argumenta que sujeitos e objetos se atualizam como sujeitos e objetos a partir de cortes agenciais, ou seja, de *intra-ações* específicas nas quais as práticas material-discursivas criam fronteiras. Se o corte cartesiano estabelece as fronteiras entre sujeitos e objetos *a priori*, no corte agencial, as fronteiras são indeterminadas e se atualizam a partir de práticas material-discursivas específicas. Neste modelo de pensamento, a realidade do mundo é formada por potenciais indeterminados que, quando se encontram, se atualizam de uma forma ou de outra. Pensemos, por exemplo, no álcool. Dependendo das relações em que ele está inserido, ele pode ser álcool combustível que move um

veículo de transporte, ele pode ser o elemento que acende a chama de uma churrasqueira, ele pode ser um elemento protetivo que elimina um vírus, ele pode ser sujeito, objeto, pode ser tudo isso ao mesmo tempo ou qualquer outra coisa. Todas essas características são potenciais que não preexistem a ele, mas são fruto de fenômenos relacionais. É neste cenário que a máscara, o álcool e as tecnologias digitais deixam de ser elementos preexistentes, com propriedades fixas, e se atualizam como sujeitos que determinam nossas ações, comportamentos e despertam sentimentos de angústia, medo, proteção, segurança.

Importante neste processo é o papel dos estímulos afetivos, pois eles são responsáveis pelo processo de reorganização das informações que resultarão na atualização dos corpos de uma maneira ou de outra (PELLINI, 2018, 2021). Em linhas gerais, podemos dizer que o mundo é formado por potenciais indeterminados. Quando diferentes corpos se encontram, certas intensidades, ou melhor, afetos, passam entre os corpos organizando as informações de uma dada maneira e isso resulta na atualização dos corpos em formas subjetivas específicas, ou seja, na forma de sujeitos e objetos.

AFETANDO E SENDO AFETADO/A/E

Lendo a literatura sobre afeto e emoção dentro das ciências humanas, da psicologia e da neurociência, a primeira coisa que podemos falar é que não há consenso sobre o que é afeto e o que significa afetar e ser afetado. Enquanto alguns/mas/mes pesquisadores/as/ies utilizam afeto como um sinônimo para emoção (AHMED, 2004; TOMKINS, 1962-1963), outros/as/es preferem fazer uma diferenciação entre emoção e afeto, sentimentos e sensações (MASSUMI, 2002). Gilles Deleuze e Félix Guattari (1987), a partir dos trabalhos de Baruch Spinoza, definem afeto como aquelas intensidades que percorrem os corpos em uma dada relação, sendo a capacidade de um corpo de afetar e ser afetado por algo. Afeto é, assim, uma força autônoma que passa entre os corpos e que melhor se expressa não em termos de sentimentos ou experiências, mas de intensidades que influenciam os corpos aumentando ou diminuindo seu potencial de ação. Afetar, portanto, refere-se principalmente às capacidades recíprocas dos corpos para afetar e serem afetados (CLOUGH, 2008). Ou seja, afeto é encontrado nas intensidades que passam de corpo a corpo, nas ressonâncias que circulam e nas próprias passagens ou variações entre essas intensidades e as próprias ressonâncias. Corpos aqui não são apenas os corpos humanos, mas abrangem todos os tipos de corpos que podem afetar e ser afetados, por exemplo, um animal, uma mesa, um livro ou uma árvore (VON SCHEVE, 2016). Desta maneira, afeto não é uma característica que pertence a um corpo individual, mas é uma qualidade dos diferentes tipos de relações através das quais os corpos inter-relacionados são constituídos, atualizados e constantemente transformados. Por outro lado, como demonstra Massumi (2002), emoção é a extroversão linguística, a representação social de uma dada intensidade, ou seja, emoção é a representação social de uma intensidade sentida. Por exemplo, imagine que você está na rua e sua máscara sai de seu rosto e cai. Uma intensidade que você não sabe se é medo, angústia ou raiva corre pelo seu corpo. Na sequência, dependendo do contexto, você dá um nome para essa intensidade e ela se transforma em emoção, ou seja, medo, felicidade, tristeza etc.

A contínua transformação dos corpos como um efeito do afeto fez com que Latour (2004) associasse a noção de afeto com a necessidade de repensarmos corpo e agência. Para ele, não devemos nos preocupar com o que é um corpo, mas sim com o que um corpo pode fazer. De acordo com Latour, corpos estão sempre em um processo de tornar-se, processo esse que é definido a partir da capacidade dos corpos de afetar e ser afetado. Ainda segundo o autor, essas capacidades são mediadas e oferecidas por práticas e tecnologias que modulam e aumentam o potencial de mediação do corpo.

Pensar afeto como um processo relacional nos faz pensar em agência como a eficácia que é distribuída entre assembleias de seres humanos e não humanos e não como uma ação intencional. Deleuze e Guattari (1987) pensam as assembleias não como estruturas, mas como máquinas que operam para produzir o desejo sem que tenhamos uma total consciência disso. De acordo com os autores: “*As such, the assemblage is the engine for all social production – of bodies, subjectivities, thoughts, feelings, social forms and institutions, and political and economic orders*” (DELEUZE; GUATTARI, 1987, p. 7). Pensemos, por exemplo, na assembleia corpo-máscara. À primeira vista, este conjunto seria formado por duas entidades, o corpo de um lado e a máscara de outro. Mas tanto o corpo quanto a máscara só existem dentro desta relação corpo-máscara. Ao mesmo tempo, o corpo e a máscara já são por si só assembleias. O sujeito é uma assembleia de ossos, de órgãos, veias, bactérias, memórias, vivências, formação, discursos, assim como a máscara de proteção é uma assembleia que inclui os discursos sobre distanciamento social e prevenção ao vírus, tecnologias de fabricação, políticas de mercado, pesquisas sobre materiais resistentes ao vírus etc. Com isso, a assembleia sujeito-máscara inclui os discursos sobre a utilização das máscaras, a crença ou não na periculosidade do vírus, as pesquisas sobre meios de proteção para contenção do vírus, as agendas políticas, o distanciamento social, o custo do produto, os tipos de máscara etc. A assembleia irá incluir também as experiências passadas, as histórias da própria relação, as normas sociais, os modelos do que é estar ou não protegido e assim por diante.

Imaginemos esta assembleia sujeito-máscara em uma situação específica: nas ações de membros do atual governo, sobretudo do Presidente da República. Em muitas ocasiões, ele chega aos eventos com máscara, mas em dado momento a retira e faz discursos criticando o isolamento social e o uso de máscara, afirmando, mesmo com as evidências científicas e alertas da OMS, que não existe comprovação sobre a eficácia das máscaras na proteção contra o vírus. Esta atitude negacionista transforma a máscara em elemento político, elemento de negação que é utilizado para acobertar a falta de ação do governo diante da calamidade que assola o país. Neste cenário, a máscara deixa de ser um elemento protetivo e se torna símbolo da libertação de uma suposta política de opressão e limitação dos direitos individuais, que estaria sendo praticada por aqueles/as/us que pedem o uso das máscaras e defendem o isolamento social. Uma pessoa desinformada ou defensora do Presidente se sentirá eufórica, o que determina sua capacidade de agir. Assim, essa pessoa irá retirar a “marca da opressão” do rosto. Outros/as/es farão a mesma coisa, aumentando a chance de disseminação do vírus. Nestes cenários, várias subjetividades são criadas, o/a/e opressor/a/ie, o/a/e libertador/a/ie, aquele/a/u que se libertou e quer libertar mais gente da opressão das máscaras. Vamos supor que uma dessas pessoas se contamine e seja internada. Aí surgem outras subjetividades, a/o/e doente, os/as/es médicos/as/ques, os/as/es agentes do seguro de saúde, o/a/e empresário/a/e que fabrica e entrega ou não oxigênio. Se a pessoa vem a falecer, novas assembleias e novas subjetividades se desenvolvem. Ela passa a ser um cadáver, a fazer parte de uma estatística; surgem os/as/es enlutados/as/es, os/as/es agentes do necrotério, a família que passa a não mais apoiar o discurso do Presidente.

Todos estes afetos inter-relacionados, que geram novos e intermináveis afetos, têm efeitos práticos nas assembleias. Afetos irão produzir uma capacidade no corpo de sentir emoções como amor, tristeza, inveja ou desejo. Todas essas capacidades são elas mesmas afetos que representam o potencial que o corpo tem de atuar. Eles podem alterar, aumentar ou reduzir a capacidade de atuação; podem amplificar ou não os desejos e emoções, influenciando a capacidade desses corpos de gerar outros afetos e afetar outras relações dentro da assembleia, contribuindo para o fluxo afetivo (FOX, 2015). Pacientes se tornam pacientes não só porque estão doentes, mas porque eles/as/us afetam e são

afetados pelos/as/es médicos/as/ques, pelo sistema de saúde, pelo vírus, pelas pesquisas médicas e farmacológicas; assim como o álcool e a máscara se tornam elementos protetivos, não só porque conferem segurança frente ao vírus, mas porque afetam e são afetados pelas agendas políticas e econômicas, pelas práticas de utilização, pelas empresas fabricantes, pelos/as/es cientistas que estão por detrás das pesquisas sobre tecnologias de proteção etc. Os afetos presentes na relação sujeito-máscara são essenciais para a subjetivação e a formação das diferentes identidades envolvidas. Esses afetos constituem laços concretos, bem como posições relacionais que são baseadas em uma série de elementos que juntos formam uma assembleia (VON SCHEVE, 2016).

Afetos, ao organizarem as potencialidades de uma dada assembleia, a atualizam, resultando na materialização de uma realidade específica. Novas realidades irão gerar novos fluxos afetivos e os novos fluxos afetivos irão reorganizar as potencialidades do mundo, atualizando mais uma vez a realidade. Esse é um processo que se dá de modo contínuo e faz com que a realidade que nos cerca seja um eterno devir. É este processo de contínua organização e reorganização das potencialidades do mundo a partir de fluxos afetivos que faz com que as subjetividades entre sujeitos e objetos estejam sempre em aberto. É isso que transforma o álcool, as máscaras e as tecnologias digitais de objetos inertes em sujeitos ativos. Sendo assim, essas materialidades são potencialidades indeterminadas que, neste período de pandemia, têm se atualizado na forma de sujeitos ativos que nos protegem, que limitam algumas de nossas ações, que determinam o que podemos ou não fazer. Neste processo, os próprios fluxos afetivos são atualizados na forma de medos, angústia, solidão e tantas outras emoções que nem sempre são negativas, haja vista, por exemplo, o alívio das pessoas que tiveram a possibilidade de se vacinar.

UMA CONVERSA DE MADRUGADA

Carol: Zé, Zé. Onde você está?

Zé: Estou aqui. O que foi? Você está bem?

Carol: Sim, estou. Tive um pesadelo. Sonhei que estava saindo de casa e, no meio do caminho, percebi que estava sem máscara. Depois do susto entrei em pânico e corri para casa. Quando cheguei aqui, acho que acordei.

Zé: Semana passada eu também sonhei que estava sem máscara fora de casa. Também entrei em pânico. No sonho, o vírus me perseguia. Eu não o via, mas sabia que ele estava lá. Corri para lugares fechados, protegidos, até que apareci em casa.

Carol: Acho que já é a terceira ou quarta vez que sonho com isso.

Zé: Eu também já sonhei algumas outras vezes. Acho que até o Luke já sonhou com isso. Às vezes ele dorme e fica agitado. Acho que ele se dá conta que está sem máscara ou que você não o limpou com os paninhos higiênicos.

Carol: Quero que isso acabe logo.

Zé: Eu também... Eu também. Pode demorar um pouco, mas vai terminar. Ainda veremos essa nossa obsessão com o álcool, com as máscaras, ou esses encontros virtuais, como algo distante. Um dia ainda vamos nos lembrar, já aliviados, do estoque de máscaras, dos milhões de litros de álcool que usamos, de como é chato falar com as pessoas por computador. Acho até que um dia vamos escrever algo sobre isso tudo juntos.

Carol: Engraçado, por mais que o vírus seja invisível, seja algo que não podemos ver nem tocar, parece que ele está sempre próximo. Acho que, quando vestimos as máscaras, quando colocamos álcool em nosso corpo, estamos nos relacionando com o vírus, uma entidade invisível que não podemos nos certificar se está ou não em nosso entorno.

Zé: Concordo. Imagina uma Arqueologia do vírus? Ela não lidaria com o vírus em si, mas com todos aqueles elementos potenciais que foram atualizados, que foram materializados a partir da existência dele e do medo da contaminação.

Carol: Você falou da Arqueologia do vírus e eu me lembrei de um texto que li que apresenta uma Arqueologia da Pandemia com uma proposta parecida (DA SILVA; TRAMASOLI, 2020). Mas por que não falar de uma Arqueologia do Invisível, ou melhor, de uma Arqueologia dos Afetos? Pois o que porventura estaríamos analisando são justamente os afetos. Quando analiso a máscara da pandemia, o que estou analisando são os afetos que atualizaram a máscara como um elemento protetivo. Quando analiso um vidro de álcool, estou analisando os medos, as angústias que fizeram o álcool se tornar campeão de vendas e estar em todos os lugares. Te dou outro exemplo. Imagina que você está escavando um antigo jardim e acha a marca no perfil estratigráfico de um antigo buraco que foi cavado para conter uma rosa. O negativo desse buraco é na verdade a marca dos afetos, das alegrias e tristezas que levaram alguém a plantar uma rosa. O vírus pode ser invisível, mas os afetos e as relações que estabelecemos com ele são materializadas nas máscaras, no álcool e nas tecnologias digitais. Nosso encontro com o vírus é um fenômeno que tem repercussões materiais no mundo, ou seja, é uma relação que impacta materialmente o mundo, mesmo que não vejamos o vírus.

Zé: Adorei a ideia, mas eu juro que queria voltar a dormir. Deixa isso para o nosso futuro, quem sabe, artigo.

Carol: Estou agitada. E no mais se eu fosse você nem deitava, afinal, daqui a pouco terá que levantar para dar comida pro Luke. Mandei o acostumar a comer às cinco da manhã?!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AHMED, Sara. *The cultural politics of emotion*. London: Routledge, 2004.

AMAYA, Ornella Cristine. *A sociedade de consumo na era digital – os desafios do desenvolvimento sustentável na era da quarta revolução industrial*. Dissertação (Mestrado em Ciência Jurídica) - Programa de Pós-graduação em Ciência Jurídica, Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2017.

BARAD, Karen. *Meeting the Universe Halfway: Quantum Physics and the Entanglement of Matter and Meaning*. London: Duke University Press, 2007.

BRIDI, Maria Aparecida; BOHLER, Fernanda Ribas; ZANONI, Alexandre Pilan; BRAUNERT, Mariana Bettega; BERNARDO, Kelen Aparecida da Silva; MAIA, Fernanda Landolfi; FREIBERGER, Zélia; BEZERRA, Giovana Uehara. *O trabalho remoto/home office no contexto da pandemia COVID-19*. Universidade Federal do Paraná, Grupo de Estudos Trabalho e Sociedade, Rede de Estudos e Monitoramento Interdisciplinar da Reforma Trabalhista, 2020. Disponível em: https://www.eco.unicamp.br/remir/images/Artigos_2020/ARTIGO_REMIR.pdf. Acesso em: 01 de junho de 2021.

CANAONLINE. *Demanda por álcool em gel e 70% deve se manter em alta pós-pandemia e produtos se firmam no portfólio de várias usinas*. CanaOnline, Editorias, Usinas, 26 de junho de 2020. Disponível em: <http://www.canaonline.com.br/conteudo/demanda-por-alcool-em-gel-e-70-deve-se-manter-em-alta-pos-pandemia-e-produtos-se-firmam-no-portfolio-de-varias-usinas.html>. Acesso em: 03 de junho de 2021.

CEPEDES, Centro de Estudos e Pesquisas em Emergências e Desastres em Saúde. *Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia COVID-19*. Recomendações Gerais. Brasília: Fiocruz, 2020. Disponível em: <https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/04/Sa%c3%bade-Mental-e-Aten%c3%a7%c3%a3o-Psicossocial-na-Pandemia-Covid-19-recomenda%c3%a7%c3%b5es-gerais.pdf>. Acesso em: 15 de junho de 2021.

- CLOUGH, Patricia. The affective turn: Political economy, biomedicine and bodies. *Theory, Culture & Society*, v. 25, n. 1, p. 1–22, 2008.
- DA SILVA, Lucas Antonio; TRAMASOLI, Felipe Benites. O vírus e os materiais: uma arqueologia da pandemia. *Tessituras*, v. 8, n. 1, p. 192-201, 2020.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Anti-Oedipus: Capitalism and Schizophrenia*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1987.
- DUDLEY, Sandra. Encountering a Chinese Horse: Engaging with the Thingness of Things. In: DUDLEY, Sandra. (ed.). *Museum Objects Experiencing the Properties of Things*. London: Routledge, 2012. p. 1–15.
- FOX, Nick. Emotions, affects and the production of social life. *The British Journal of Sociology*, v. 66, n. 2, p. 301-318, 2015.
- GELL, Alfred. *Art and Agency: An Anthropological Theory*. Oxford: Clarendon Press, 1998.
- GOSDEN, Chris. What do objects want? *Journal of Archaeological Method and Theory*, v. 12, p. 193-211, 2005.
- GUARANY, Alzira Mitz Bernardes. O rei está nu! Ou como um vírus expôs a falácia e a desproteção social no Brasil contemporâneo. In: MOREIRA, Elaine; GOUVEIA, Rachel; GARCIA, Joana; ACOSTA, Luis; BOTELHO, Marcos; RODRIGUES, Mavi; KRENZINGER, Miriam; BRETTAS, Tatiana. (orgs.). *Em tempos de pandemia: propostas para defesa da vida e de direitos sociais*. Rio de Janeiro: UFRJ, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Escola de Serviço Social, 2020. p. 29-34.
- HALLAL, Pedro. *Como eu e um grupo de professores da UFPel driblamos o negacionismo de Bolsonaro*. The Intercept_Brasil, _Vozes, 5 de Março de 2021. Disponível em: <https://theintercept.com/2021/03/15/pedro-hallal-epicovid-ufpel-negacionismo-bolsonaro/>. Acesso em: 19 de junho de 2021.
- LATOUR, Bruno. How to talk about the body? The normative dimensions of science studies. *Body and Society*, v. 10, n. 2/3, p. 205–230, 2004.
- LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- MAIA, Rosemere. Feitiço do Espaço. In: MOREIRA, Elaine; GOUVEIA, Rachel; GARCIA, Joana; ACOSTA, Luis; BOTELHO, Marcos; RODRIGUES, Mavi; KRENZINGER, Miriam; BRETTAS, Tatiana. (orgs.). *Em tempos de pandemia: propostas para defesa da vida e de direitos sociais*. Rio de Janeiro: UFRJ, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Escola de Serviço Social, 2020. p. 112-118.
- MASSUMI, Brian. *Parables for the Virtual: Movement, Affect, Sensation*. Durham, NC: Duke University Press, 2002.
- MCNAY, Lois. Agency. In: *The Oxford Handbook of Feminist Theory*. DISCH, Lisa; HAWKESWORTH, Mary. (eds.). Oxford: Oxford University Press, 2016. p. 39-60.
- MENDONÇA, Ana. *Fake news: álcool em gel na chave do carro não causou incêndio em Belém*. Estado de Minas, Nacional, 16 de junho de 2020. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/06/16/interna_nacional,1157208/fake-

- [news-alcool-em-gel-na-chave-do-carro-nao-causou-incendio-em-bele.shtml](#). Acesso em: 03 de junho de 2021.
- NIC.BR, Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. (ed.). *Pesquisa web sobre o uso da Internet no Brasil durante a pandemia do novo coronavírus: Painel TIC COVID-19*. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2021. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20210426095323/painel_tic_covid19_livro_eletronico.pdf. Acesso em: 17 de junho de 2021.
- NIC.BR, Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. (ed.). *TIC Domicílios 2019*. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2020. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20201123121817/tic_dom_2019_livro_eletronico.pdf. Acesso em: 17 de junho de 2021.
- ONU News, Perspectiva Global Reportagens Humanas. *ONU: mundo precisará de US\$ 428 bilhões para conectar todos à Internet até 2030*. ONU News, Desenvolvimento econômico, 18 de setembro de 2020. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2020/09/1726652>. Acesso em: 16 de junho de 2021.
- OPAS, Organização Pan-Americana da Saúde. *Caçadores de mitos sobre COVID-19*. OPAS, s/d. Disponível em: https://www.paho.org/pt/cacadores-mitos-sobre-covid-19?gclid=CjwKCAjw8uGBhBAEiwAayu_9Ww91TWFRVFZOUW8DBr1miByzft9tC1RSUh%E2%80%A6. Acesso em: 20 de junho de 2021.
- PELLINI, José Roberto. *Dung on the Wall. Ontology and Relationality in Qurna: The Case of TT123*. *Cambridge Archaeological Journal*, p. 1-13, 2021.
- PELLINI, José Roberto. *Senses, Affects and Archaeology: changing the heart, the mind and the pants*. Cambridge: Cambridge Scholars, 2018.
- RODRIGUES, Mateus. *CPI: pesquisador diz que Saúde censurou slide que comparava casos de Covid por cada etnia*. G1, CPI da COVID, 24 de junho de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/cpi-da-covid/noticia/2021/06/24/cpi-pesquisador-diz-que-saude-censurou-slide-que-comparava-casos-de-covid-por-cada-etnia.ghtml>. Acesso em: 25 de junho de 2021.
- SCHWAB, Klaus. *A quarta revolução industrial*. Trad. Daniel Moreira Miranda. São Paulo: Edipro, 2018.
- TOMKINS, Silvan S. *Affect Imagery Consciousness*. 2 volumes. New York: Springer, 1962-1963.
- UOL, AutoPapo. *Álcool de posto pode ser usado contra o coronavírus?* UOL, AutoPapo, Notícias, 17 de março de 2020. Disponível em: <https://autopapo.uol.com.br/noticia/alcool-posto-coronavirus/>. Acesso em: 20 de junho de 2021.
- VON SCHEVE, Christian. *A Social Relational Account of Affect. Working Paper SFB 1171 Affective Societies 03/16*, 2016.
- XAVIER, Juliana. *Drinks com álcool gel: conheça os riscos da ingestão de produtos à base de álcool 70%*. Portal Fiocruz, Comunicação e informação, Notícias, 20 de outubro de 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/drinks-com-alcool-gel-conheca-os-riscos-da-ingestao-de-produtos-base-de-alcool-70>. Acesso em: 04 de junho de 2021.